

Colômbia: a todo vapor

No início do século XX o local onde hoje está o município de Colômbia, no extremo norte do Estado de São Paulo, servia como ponto de travessia do gado proveniente de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Os animais chegavam ao Porto Cemitério, primeiro nome do local, a nado ou em balsas a vapor. Situada entre os rios Pardo, Grande e Velho, Colômbia nasceu a partir da vocação da região: pecuária e agricultura. Em 1925, quando foi aventada a possibilidade de se estender os trilhos da Companhia Paulista até a região, foi loteada uma fazenda e construída a capela que deu origem à cidade. Em 1928 a estação de trem foi inaugurada e a cidade foi batizada com o nome de Colômbia, uma homenagem a um engenheiro colombiano que trabalhou na montagem do trecho. A emancipação política foi concretizada em 1959.

Com 7.500 habitantes, Colômbia sempre teve no campo a base de sua economia e hoje comemora a instalação de sua primeira indústria, uma usina de açúcar e álcool que mudou os "ares" do local, gerou mais de mil empregos diretos e uma forte demanda para o comércio e a construção civil.

A mão-de-obra especializada teve que ser importada para o funcionamento da usina e, sem imóveis disponíveis para alugar, os novos moradores estão provisoriamente morando em hotéis da cidade ou em cidades próximas. Uma vila



Entrada da cidade de Colômbia

será construída para abrigar os trabalhadores da Usina Continental.

A nova empresa significa mais renda para o município que já conta com 100% de asfalto, iluminação pública, água e esgoto tratados. Na saúde o município é tido como modelo para várias cidades da região. Possui uma unidade mista de atendimento com 16 leitos, salas de cirurgia, e corpo clínico com 12 médicos e 5 dentistas, além de 2 Unidades Básicas de Saúde, um centro de reabilitação e 2 unidades do Programa Saúde da Família. Só agora, depois da instalação da usina, foram instalados consultórios médicos fora da rede pública.



A educação municipal utiliza um método particular de ensino para as crianças de 1ª a 4ª séries. A partir do ano que vem será estendido até a 8ª série, já que todo ensino fundamental estará municipalizado até o final de 2007. Duas escolas de educação infantil atendem crianças menores de 6 anos. Os alunos do ensino médio são atendidos por uma escola estadual. Para aqueles que optaram pelo ensino profissionalizante, ou já estão na faculdade, a prefeitura subsidia o transporte e os incentiva com bolsas de estudos, parciais.

Dois grandes festas mexem com a população: a Feira Agropecuária, que acontece em agosto, e o encontro de motoqueiros, no mês de setembro. A praça central, com diversas lanchonetes, é o ponto de encontro da população e dos turistas que lotam os ranchos e hotéis nos finais de semana em busca de descanso e boa pescaria.

A pesca é o meio de sobrevivência de cerca de 250 pescadores profissionais da cidade, organizados em 2 associações. O potencial turístico da cidade é imenso. Já existem cinco hotéis urbanos e um hotel fazenda, além de três portos de pescaria. O Rio Grande é a maior atração. Para incrementar e profissionalizar o turismo local um receptivo está sendo organizado para atender melhor os visitantes e criar mais empregos e oportunidades em Colômbia.



O fruto do trabalho



Até o ano de 2003, Angélica Pedreira Rodrigues, filha de lavradores de Ribeirão Corrente, região de Franca, sonhava em fazer uma faculdade. Sabia que precisava estudar para poder sonhar com uma profissão que a tirasse daquela vida sofrida do campo. Filha mais velha, desde os 11 anos ajudava a mãe e o padrasto a colher café no pequeno sítio arrendado. Cresceu ouvindo a mãe, D. Leonice, dar sempre o mesmo conselho: "Estude. A vida na roça não tem futuro". Quatro anos depois, aos 20 anos, Angélica segue os conselhos da mãe: estuda, não para sair, mas para ficar na "roça".

Em 2003, quando estava na primeira série do ensino médio na Escola Nenê Lourenço, em Ribeirão Corrente, participou do Programa Educacional "Agronegócio na Escola", da ABAG/RP. No princípio foi resistente. Não quis participar da primeira atividade. Por insistência do diretor da escola, que sabia que Angélica era da zona rural, escreveu a redação com o tema: "Agricultura, Tecnologia e Meio Ambiente". O texto, que relatava sua vivência no campo, foi o classificado da escola. O prêmio: uma visita à Agrishow. Foi ali que Angélica começou a perceber a atividade rural de outra maneira.

Depois desse primeiro contato o assunto agronegócio passou a fazer parte das aulas de português, matemática, biologia, física, entre outras. A etapa seguinte foi conhecer uma empresa ligada ao setor. A visita da Angélica foi à Usina Vale do Rosário, em Morro Agudo. Havia outras etapas no processo de produção que ela não conhecia, "o antes e depois da porteira". A descoberta mudou sua relação com a atividade rural. Angélica pediu para participar de outra visita que a escola fez. Como havia lugar no ôni-



Angélica Rodrigues, ex-participante do Programa Educacional "Agronegócio na Escola", assiste em Barretos palestra de Mônica Bergamaschi, da ABAG/RP



bus, pôde conhecer também a Carol, Cooperativa dos Agricultores da Região de Orlândia.

Um mundo novo se abriu para a menina que antes apenas queria sair do campo. Com um olhar diferente sobre o trabalho da família, e incentivada pelo diretor da escola, resolveu prestar vestibulinho para concorrer a uma vaga no Colégio Agrícola de Franca, ligado à Fundação Paula Souza. Entre centenas de candidatos, conseguiu a vaga. No ano seguinte, fazia o Colégio Agrícola durante o dia e o Ensino Médio à noite.

Durante o curso aprendeu a empregar técnicas e tecnologias novas ligadas ao plantio de café, como por exemplo, não juntar folhas embaixo do cafeeiro, o que pode favorecer o aparecimento de pragas e doenças. Aprendia na escola e usava os conhecimentos em casa.

Um estágio na área de pecuária foi o que encantou Angélica de vez! Quando acabou o ensino médio sabia que não podia pagar por um curso superior, mas correu atrás. Hoje, bolsista do Pró-Une,

cursa o primeiro ano do curso de Zootecnia na cidade de Barretos.

Para o futuro, Angélica pensa em voltar para Minas Gerais, onde a família tem uma propriedade pequena em Itambacuri. Quer criar gado leiteiro ou mexer com piscicultura. Tem consciência que sozinha não vai conseguir, mas já sabe o que fazer: buscar o apoio de uma cooperativa, um conceito que ela descobriu quando participou do Programa da ABAG/RP. "O Programa Educacional "Agronegócio na Escola" foi uma oportunidade única", classifica Angélica. Oportunidade que mudou sua vida, que abriu perspectivas e a permitiu sonhar.

Muitas outras histórias foram e continuam sendo escritas ao longo desse Programa que está no seu sétimo ano de existência. Mais de 60 mil alunos já participaram e outros cerca de 24,5 mil estão participando este ano. Fica lançado aqui, a partir da história da Angélica, um espaço para que alunos e professores contem suas histórias depois da participação do "Agronegócio na Escola".

Educação: o princípio, o meio e o fim

Pelo sétimo ano consecutivo a palestra de capacitação dos professores do Programa Educacional "Agronegócio na Escola" foi proferida por um dos maiores conhecedores do agronegócio brasileiro e mundial, Roberto Rodrigues, atual Presidente do Conselho Superior do Agronegócio da Fiesp, Coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas, Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de 2003 a 06/2006, e que voltou a ocupar a sua cadeira de professor na Unesp de Jaboticabal. Falando de professor para professor Rodrigues deu uma verdadeira aula de agronegócio passando pelas áreas da geografia, história, matemática, biologia, economia, entre outras.

Começou com história, para situar a agricultura na vida brasileira e a relação que o "mundo urbano" tem com ela. O Brasil, como todas as economias modernas, não nasceu industrial, mas sim agrícola, com uma população majoritariamente rural.

Nos anos 50, quando o governo brasileiro optou pelo modelo de urbano-industrialização, tudo aconteceu muito rápido. Em 5 anos o perfil da economia mudou e o da população também. A agricultura foi relegada a uma atividade de segunda categoria, ridicularizada inclusive na literatura com a criação do personagem Jeca Tatu. Aquela imagem



Roberto Rodrigues deu uma verdadeira aula para professores de escolas públicas



Cerca de 400 professores, de 83 cidades, na Palestra de Capacitação da ABAG/RP

do agricultor desdentado, de chapéu de palha, ignorante e indolente foi absorvida pela academia, pela mídia e pelo Estado. Essa distorção, segundo Rodrigues, de certa forma ainda persiste, mas está longe de ter sido ou ser realidade. Basta confrontar os números do agronegócio de hoje.

Para abordar a geografia, Rodrigues falou das tendências demográficas, um tema que influencia o agronegócio. Com gráficos, muito usados na matemática, mostrou as projeções da população mundial, rural e urbana. Segundo dados das Nações Unidas, em 2030 o mundo terá pouco mais de oito bilhões de habitantes. Destes, 61% estarão morando nas

cidades e 39% no campo. População que crescerá principalmente na Ásia e nos países mais pobres, mas a boa notícia é que a economia destes países crescerá também, e quando o pobre tem mais renda sua principal preocupação é comer e se vestir melhor, um desafio imenso para o agronegócio. Além disso, a população ficará mais velha (Quadro 1), o que significará novos hábitos alimentares. Será preciso compreender essa demanda.

Para a área de ciências físicas e biológicas o grande recado foi o das tendências que surgem com as novas tecnologias, principalmente a biotecnologia e a nanotecnologia. Elas são aliadas do meio

ambiente e não uma ameaça, como apreçoam os radicais. Sobre algumas vantagens da biotecnologia Rodrigues destacou benefícios, como a redução de exposição de pessoas e animais aos agroquímicos, redução no gasto com estes produtos e aumento da produtividade. E como benefícios ambientais enfatizou a economia de água. Só uma variedade de algodão geneticamente modificado tem o potencial de economizar 81 milhões de quilos de inseticida, globalmente, o que significa uma redução do uso de aproximadamente 12,6 bilhões de litros de água.

Sobre as grandes contribuições do agronegócio para a humanidade, lem-

brou que no Século XX a agricultura respondeu aos desafios apresentados. A segurança alimentar, com a revolução verde, garantiu o aumento da produção de alimentos para suprir a demanda crescente, e o mais importante, a produção cresceu muito mais do que a área plantada. Para exemplificar, apresentou o gráfico da produção de grãos e a área utilizada no Brasil (Quadro 2).

Para o Século XXI o desafio é a segurança energética, que será estratégica para o desenvolvimento dos países, principalmente os emergentes, e um desafio para a humanidade no sentido de diversificar suas fontes de energia. Fez questão de desmentir um boato mundial, que

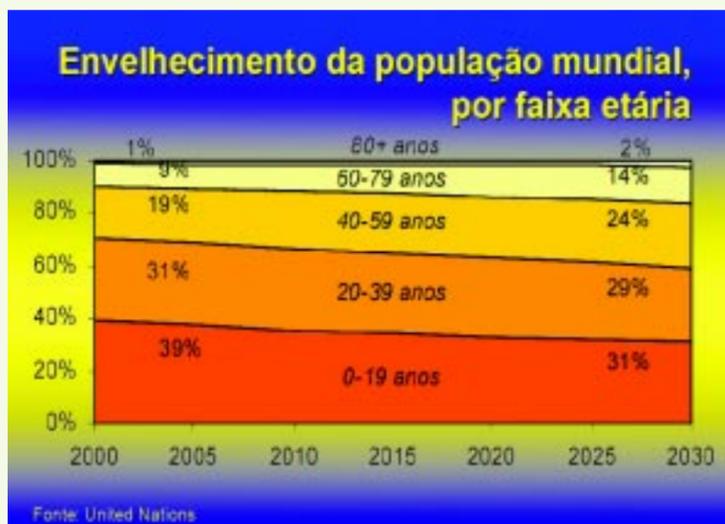
já chegou no Brasil: "a cana vai acabar com a Floresta Amazônica". "Burrice agrônômica", enfatizou Rodrigues. "Primeiro porque aquele ecossistema não é favorável ao crescimento da cana-de-açúcar (Quadro 3), segundo porque existe uma quantidade imensa de pasto degradado que pode ser convertida para o plantio da cana sem derrubar uma única árvore.

Didaticamente Roberto Rodrigues tocou em assuntos globais que estão no dia a dia dos noticiários e nas mesas dos pesquisadores, mas que ainda não chegaram nas escolas, ou chegaram de forma distorcida e preconceituosa. Para os mais de 400 professores, de 83 cidades, foi uma oportunidade de atualizar conceitos e despertar a busca por informações atualizadas e confiáveis. Para Roberto Rodrigues foi mais uma chance de colocar a agricultura como fato relevante para a educação, para a economia, para o ambiente, enfim, mais uma etapa de um trabalho de décadas em busca da valorização do agronegócio brasileiro.

Complementando a etapa de capacitação dos professores, principalmente daqueles que ingressaram neste ano no Programa Educacional "Agronegócio na Escola", foram realizadas visitas a empresas associadas à ABAG/RP, para conhecer os roteiros que mais tarde serão visitados pelos 24.500 alunos que participam do Programa em 2007. Dos 32 roteiros existentes os professores estiveram em 4, para ver nos processos produtivos a aplicação dos conceitos que são ensinados em sala de aula. As empresas visitadas foram a Marchesan, em Matão, que produz máquinas e implementos agrícolas; a Cia. Açucareira Vale do Rosário, em Morro Agudo, onde os professores puderam acompanhar o processo de fabricação do açúcar e do álcool; a Usina São Martinho, em Pradópolis, cuja ênfase foi a preservação do meio ambiente e a Carol, Cooperativa dos Agricultores da Região de Orlandia, onde conheceram a doutrina do cooperativismo e as principais atividades da cooperativa.

As visitas dos alunos tiveram início no início do mês de maio. De junho a novembro estão previstas 82 visitas por mês.

Quadro 1



A demanda por alimentos mudará com o envelhecimento da população

Quadro 2



A tecnologia fez crescer a produção de alimentos e uso de menos área

Quadro 3



Mapa mostra que é inviável o plantio de cana-de-açúcar na Amazônia